

*Voltei por ele.*

Essas foram as palavras que escrevi em meu caderno quando finalmente avistei San Giustiniano do convés da balsa. Só por ele. Não pela nossa casa, ou pela ilha, pelo meu pai, nem pela vista do continente quando me sentava sozinho na capela normanda abandonada nas últimas semanas do último verão que passamos ali, me perguntando por que eu era a pessoa mais infeliz da face da Terra.

Eu viajava sozinho naquele verão e havia começado um roteiro de um mês pela costa, voltando ao lugar onde passei todos os verões da minha infância. Essa viagem era um desejo antigo, e agora que tinha me formado era a melhor época para fazer uma breve visita à ilha. Nossa casa pegara fogo anos antes e, depois que nos mudamos para o norte, ninguém da família se interessou em voltar ao local, nem em vender a propriedade ou descobrir o que de fato acontecera. Apenas a abandonamos, principalmente após a notícia de que, depois do incêndio, os moradores locais pilharam tudo o que conseguiram e destruíram o que sobrou. Alguns chegaram a defender que o incêndio não fora acidental. Mas eram meras especulações, segundo meu pai, e não havia outro jeito de descobrir algo a não ser indo até lá. Então a pri-

meira coisa que prometi fazer ao descer da balsa foi virar à direita, caminhar pelo familiar calçadão, passar pelo imponente Grand Hotel e pelas residências enfileiradas à beira-mar e seguir até nossa casa a fim de ver o estrago com meus próprios olhos. Era o que havia prometido ao meu pai. Ele não tinha nenhum desejo de colocar os pés na ilha novamente. Agora eu era um homem e era meu dever averiguar o que precisava ser feito.

Mas talvez eu não estivesse voltando só por Nanni. Estava voltando pelo menino de doze anos que eu havia sido dez anos antes — embora soubesse que não encontraria nenhum dos dois. O menino agora era alto e ostentava uma espessa barba ruiva; quanto a Nanni, desaparecera, e ninguém mais ouvira falar dele.

Ainda me lembrava da ilha. Lembrava dela na última vez que a vi, em nosso último dia, quase uma semana antes do começo das aulas, quando meu pai nos levou à estação das balsas e ficou acenando do cais enquanto a corrente da âncora bradava e a balsa guinchava ao dar ré, e ele, sem sair do lugar, ia ficando cada vez menor até que o perdemos de vista. Como fazia todo outono, ficaria para trás por uma semana a dez dias a fim de garantir que a casa fosse devidamente trancada, a eletricidade, a água e o gás, desligados, os móveis, protegidos, e todos os ajudantes moradores da ilha, pagos. Tenho certeza de que ele não ficou descontente ao ver a sogra e a irmã dela indo embora na balsa que as levaria de volta ao continente.

Mas o que fiz assim que coloquei os pés em terra firme, quando o velho *traghetto* assoviou e zarpou do mesmo lugar uma década depois, foi virar à esquerda e não à direita, e ir em direção ao caminho de pedra que levava à antiga cidade

de San Giustiniano Alta, no topo da colina. Eu amava as ruelas estreitas, valetas fundas e vias antigas, amava o cheiro refrescante de café que saía do moinho de torrefação, que parecia me dar as boas-vindas exatamente do mesmo modo quando eu saía com minha mãe ou quando, depois de encontrar meu professor particular de grego e latim naquele último verão, eu voltava para casa pelo caminho mais longo toda tarde. Ao contrário de San Giustiniano Bassa, mais moderna, San Giustiniano Alta estava sempre à sombra, mesmo quando o sol ficava extremamente desagradável na marina. Muitas noites, quando o calor e a umidade da orla eram insuportáveis, eu voltava a subir com meu pai para tomar sorvete no Caffè dell’Ulivo, onde ele se sentava à minha frente com uma taça de vinho e conversava com os moradores da cidade. Todos conheciam meu pai, gostavam dele e o consideravam *un uomo molto colto*. Seu italiano capenga era impregnado por palavras espanholas que tentavam parecer italianas. Mas todos as entendiam, e quando não aguentavam e o corrigiam, rindo de algumas de suas palavras estranhamente macarrônicas, ele ficava feliz em compartilhar do riso. Eles o chamavam de Dottore e, embora todos soubessem que ele não era médico, não era incomum alguém pedir um conselho, principalmente porque todos confiavam mais em sua opinião em questões de saúde do que no farmacêutico local, que gostava de se passar por médico da cidade. Signor Arnaldo, o dono do Caffè dell’Ulivo, tinha uma tosse crônica, o barbeiro sofria de eczema, Professore Sermoneta, meu professor particular, que com frequência ia parar no *caffè* à noite, temia ter que tirar a vesícula um dia... todos confiavam no meu pai, incluindo o padeiro, que gostava de mostrar a ele os hematomas nos braços e ombros causados pela mu-

lher de temperamento difícil, que, alguns diziam, começara a trai-lo já na noite de núpcias. Às vezes meu pai até saía do *caffè* com alguém para oferecer uma opinião em particular, depois afastava a cortina de contas e entrava novamente, voltava a seu assento e apoiava os cotovelos afastados na mesa, a taça de vinho pela metade, e então me olhava, dizendo sempre que eu não precisava me apressar com o sorvete, ainda tínhamos tempo de ir a pé até o castelo abandonado se eu quisesse. O castelo à noite, com vista para as luzes distantes no continente, era nosso lugar preferido, e lá nós dois sentávamos em silêncio nas muralhas em ruínas para ver as estrelas. Ele chamava isso de fabricar memórias, para o *dia quando*, dizia ele. *Que dia?*, eu perguntava, para provocá-lo. *Para o dia que você sabe quando*. Minha mãe dizia que éramos feitos da mesma fôrma. Meus pensamentos eram os pensamentos dele, e os pensamentos dele, meus pensamentos. Às vezes eu temia que ele pudesse ler minha mente com um simples toque em meu ombro. Éramos a mesma pessoa, dizia ela. Gog e Magog, nossos dois dobermanns, só amavam a mim e meu pai, não minha mãe nem meu irmão mais velho, que já não passava os verões conosco havia alguns anos. Os cães se afastavam de todos e rosnavam se a pessoa chegasse muito perto. Os moradores da cidade sabiam que era melhor manter distância, mas os cães eram treinados para não incomodar ninguém. Nós os amarrávamos à perna de uma mesa do lado de fora do *Caffè dell'Ulivo* e, enquanto nos vissem, ficavam deitados, mansos como ovelhas.

Em ocasiões especiais, em vez de descermos até a marina depois de passar no castelo, meu pai e eu voltávamos para a cidade e, como pensávamos igual, parávamos para tomar mais um sorvete.

— Ela vai dizer que estou mimando você.

— Mais um sorvete, mais uma taça de vinho — eu respondia.

Ele assentia, sabendo que não fazia sentido negar.

Nossas caminhadas noturnas, como as chamávamos, eram nosso único momento sozinhos juntos. E dias inteiros se passavam sem meu pai. Ele tinha o hábito de nadar pela manhã cedinho, e então ir para o continente após o café da manhã e voltar à noite, às vezes bem tarde, na última balsa. Mesmo quando estava dormindo, eu amava ouvir os passos dele ressoando no cascalho que levava à nossa casa. Isso queria dizer que ele estava de volta e o mundo estava completo outra vez.

Minha péssima nota final em latim e grego naquela primavera estabeleceu uma barreira cruel entre mim e minha mãe. Meu boletim havia chegado no fim de maio, poucos dias antes de embarcarmos na balsa para San Giustiniano. Todo o percurso foi uma bronca alta e infundável, as repreensões vindo em bofetadas, enquanto meu pai se apoiava na grade em silêncio, como se esperasse o momento certo de intervir. Mas não havia como contê-la, e quanto mais ela gritava, mais encontrava defeitos em qualquer coisa em mim: o jeito como eu me sentava para ler um livro, minha caligrafia, minha completa incapacidade de dar uma resposta direta sempre que alguém perguntava o que eu achava disso ou daquilo — evasivo, sempre evasivo — e, pensando bem, por que eu não tinha um único amigo, nem na escola, nem na praia, nem em lugar algum, por que eu não me interessava por nada nem por ninguém, pelo amor de Deus... O que havia de errado comigo, dizia ela enquanto tentava limpar uma gota seca de sorvete de chocolate que pingara

na minha camiseta quando fui comprar uma casquinha com meu pai antes de embarcar. Eu estava convencido de que a desaprovação dela vinha se acumulando havia sabe-se lá quanto tempo, e que só precisava da minha terrível prova de latim e de grego para explodir.

Para acalmá-la, prometi me dedicar mais durante o verão. Dedicção? Tudo em mim precisava de dedicção, disse ela. Havia tanta ira em sua voz naquele dia que o desprezo era quase palpável, principalmente quando ela ornamentou a fúria com toques de ironia, finalmente explodindo com meu pai.

— E você queria comprar uma caneta Pelikan para ele!

Minha avó e a irmã dela, que estavam conosco na balsa naquele dia, ficaram do lado da minha mãe, claro. Meu pai não disse uma palavra. Ele odiava as duas — a megera e a supermegera, como as chamava. Ele sabia que bastava pedir à minha mãe que baixasse a voz ou moderasse as advertências e elas logo entrariam na conversa, o que facilmente o faria passar do ponto e explodir com as duas, se não com as três, e naquele momento elas avisariam em voz baixa que preferiam voltar para o continente na balsa a passar o verão em nossa casa. Eu o tinha visto explodir uma ou duas vezes ao longo dos anos e percebia que ele estava tentando manter as coisas sob controle para não estragar a viagem. Apenas acenava com a cabeça algumas vezes em sinal de concordância quando ela me criticava por desperdiçar tanto tempo com minha coleção idiota de selos. Mas quando meu pai finalmente disse algo para mudar de assunto e me animar um pouco, ela virou para ele e gritou que ainda não havia terminado.

— Alguns passageiros estão começando a olhar — disse meu pai.

— Que olhem o quanto quiserem, vou parar quando tiver terminado.

Não sei por quê, mas de repente me ocorreu que, ao gritar comigo com tamanha veemência, ela na verdade estava liberando contra ele sua raiva reprimida, ainda que sem lançá-lo na linha de fogo. Assim como os deuses gregos que entravam em disputas constantes uns contra os outros usando mortais como peões, ela implicava comigo para atingi-lo. Ele deve ter percebido o que ela estava fazendo, por isso sorria para mim quando minha mãe não estava vendo, tentando dizer *Aguenta por enquanto. À noite, você e eu sairemos para tomar sorvete e fabricar memórias no castelo.*

Naquele dia, depois de desembarcarmos, minha mãe tentou compensar o que tinha feito, falando comigo com tanta doçura e cordialidade que logo fizemos as pazes. Mas o prejuízo real não estava nas palavras mordazes que ela desejava não ter dito e que eu nunca esqueceria. O prejuízo estava em nosso amor: perdeu a afeição, a espontaneidade, tornou-se um amor forçado, deliberado, pesaroso. Ela se alegrava ao ver que eu ainda a amava; eu me alegrava ao ver a prontidão com que nós dois nos enganávamos. Tínhamos consciência de estarmos recebendo um agrado, o que intensificava nossa trégua. Mas devíamos sentir que tudo se ajeitar tão facilmente não passava de uma diluição do amor que havia entre nós. Ela me abraçava com mais frequência, e eu queria ser abraçado. No entanto, eu não confiava no meu amor e percebia, pelo modo como ela me olhava quando achava que eu não estava vendo, que ela também não.

Com meu pai era diferente. Em nossas longas caminhadas noturnas, conversávamos sobre tudo. Sobre os grandes poetas, sobre pais e filhos e por que o atrito entre eles era

inevitável, sobre seu pai, que morreu em um acidente de carro semanas antes de eu nascer e cujo nome eu carregava, sobre amor, que só acontece uma vez na vida, e depois disso nunca mais é tão espontâneo ou impulsivo e, por fim, como por milagre, já que não envolvia latim e grego, minha mãe ou a megera e a supermegera, sobre as *Variações Diabelli*, de Beethoven, que ele tinha descoberto naquela primavera e não compartilhara com ninguém além de mim. Meu pai colocava a gravação de Schnabel para tocar toda noite, e o piano ressoava pela casa, tornando-se a trilha sonora daquele ano. Eu gostava da sexta variação, ele, da décima nona, mas a vigésima era toda racional, e a vigésima terceira, bem, a vigésima terceira era provavelmente a composição mais viva e engraçada de Beethoven, dizia ele. Colocávamos a vigésima terceira para tocar tantas vezes que minha mãe implorava que parássemos. Então eu a provocava e cantarolava para ela, e meu pai e eu ríamos, mas ela não. Ao entrar no *caffè* naquelas noites de verão, nós apenas escolhíamos um número entre um e trinta e quatro, incluindo o tema de Diabelli, e cada um tinha que dizer o que achava. Às vezes, no caminho até o castelo, cantávamos a letra da vigésima segunda variação, que fazia referência a *Don Giovanni*, palavras que ele me ensinara muito tempo antes. Mas, quando alcançávamos o topo e olhávamos para as estrelas, ficávamos em silêncio e sempre concordávamos que a vigésima primeira variação era a mais bela de todas.

Enquanto subia a ruela, pensava em Beethoven e nos gritos na balsa. Nada daquilo desaparecera. Reconheci imediatamente a velha farmácia, o sapateiro, o chaveiro, a barbearia com as duas poltronas reclináveis surradas ainda remendadas com tiras de couro que haviam sido costuradas



sabe Deus quanto tempo antes de eu vir ao mundo. Conforme subia a colina naquela manhã e já avistava um pedaço do castelo abandonado, comecei a ter um forte presságio do aroma de resina flutuando em minha direção antes mesmo de chegar à oficina do marceneiro na curva do *vicolo* Sant'Eusebio. Aquela sensação não havia mudado, nunca mudaria. A oficina, com a casa logo no andar de cima, ficava a dois passos do maciço degrau de pedra do imóvel da esquina. A lembrança daquele aroma despertou um traço de medo e desconforto que mexeu comigo na mesma intensidade de antes, embora eu continuasse igualmente incapaz de nomear aquele tom perturbador de medo, vergonha e agitação após uma década. Nada tinha mudado. Talvez eu não tivesse mudado. Não sabia se estava decepcionado ou contente por não ter superado nada daquilo. A porta de enrolar da marcenaria estava trancada e, embora eu tenha ficado tentando mensurar quanto fora perdido desde a última vez que estive ali, descobri que era incapaz de concatenar um único pensamento que fosse. Só conseguia me concentrar nos boatos que ouvimos desde o incêndio.

Voltei até a barbearia e, enfiando metade do corpo pela cortina de contas, perguntei a um dos dois barbeiros se ele sabia o que havia acontecido com o vizinho ebanista.

O barbeiro calvo, sentado em uma das duas poltronas grandes do estabelecimento, baixou o jornal e disse antes de voltar à leitura:

— *Sparito*, desapareceu.

Aquilo dizia tudo.

Ele sabia para onde? Ou como? Ou por quê?, perguntei.

A resposta foi um breve dar de ombros sugerindo que ele não sabia, não dava a mínima, não ia contar nada a um

garoto de vinte e poucos anos que entrou em sua barbearia fazendo perguntas demais.

Agradei ao barbeiro, virei-me e continuei a subir a rua. O que me surpreendeu foi que o Signor Alessi não me cumprimentou ou reconheceu, embora sabe-se lá quantas vezes tenha cortado meu cabelo nos verões que passei ali. Talvez não fizesse sentido dizer nada.

Demorei um tempo para perceber que ninguém na ilha me reconhecia. É claro que devo ter mudado bastante desde os doze anos, ou talvez a capa de chuva longa, a barba e a mochila verde-escura nas costas me dessem uma aparência completamente diferente daquela do garoto bem-apeado de que se lembravam. O dono da mercearia, os donos dos dois *caffès* da pracinha ao lado da igreja, o açougueiro e, principalmente, o padeiro, responsável pelo aroma de pão quente que pairava como uma bênção na ruela lateral quando eu saía à tarde da casa do meu professor de grego e latim mais faminto do que nunca... nenhum deles me reconheceu ou prestou atenção em mim. Nem o mendigo de uma perna só, que perdera o membro em um acidente de barco durante a guerra e voltara para seu lugar de sempre ao lado da fonte principal da praça, me reconheceu quando lhe dei dinheiro. Nem mesmo me agradeceu, o que não era de seu feitio. Parte de mim sentiu um desprezo crescente por San Giustiniano e seus moradores, embora a outra parte não tenha ficado totalmente triste ao perceber que eu não gostava mais daquele lugar. Talvez eu tivesse deixado tudo aquilo para trás sem me dar conta. Talvez eu fosse como meus pais e meu irmão nesse aspecto. Não havia sentido em voltar.

Enquanto descia a colina, resolvi ir até o que pensei ser a fundação oca de nossa casa, avaliar o que fosse possível,

falar com vizinhos que me viram crescer e então ir embora na balsa da noite. Pensei em dar uma passada na casa do meu antigo professor, mas adiei o encontro. Ainda pensava nele como um sujeito amargo e de pavio curto que raramente tinha uma palavra gentil para alguém, muito menos para os alunos. Meu pai havia sugerido que eu reservasse um quarto em uma pensão perto do porto caso quisesse passar a noite na ilha. Mas eu já sentia, durante a caminhada apressada para cima e para baixo no centro histórico da cidade, que minha visita não duraria mais que algumas horas. A questão era onde passar o restante do dia até a hora de pegar a balsa.

E, no entanto, eu sempre havia amado aquele lugar, das manhãs silenciosas, quando acordávamos e dávamos de cara com um céu calmo que não mudara desde que os gregos se instalaram ali, ao som dos passos do meu pai quando, ao contrário da prática habitual dos dias úteis, ele de repente voltava do continente à tarde sem avisar e uma festa acontecia em nossos corações. Não havia um único desentendimento nesses dias. Da minha cama, dava para ver as colinas, da sala, o mar, e, quando as venezianas da sala de jantar estavam abertas nos dias mais frescos, era possível ir à varanda e desfrutar a vista do vale e, depois do vale, o contorno nebuloso das colinas no continente do outro lado do mar.

Ao sair do centro histórico, fiquei impressionado com o ofuscante derramar da luz varrendo os campos em direção ao calçadão, o mar brilhando do outro lado. Eu amava o silêncio. Sonhava em voltar havia tanto tempo. Tudo parecia familiar, nada tinha mudado. Ainda assim, tudo parecia distante, desgastado, inalcançável, como se algo em mim fosse

incapaz de registrar que tudo aquilo era real, que boa parte um dia havia sido minha. O caminho até nossa casa, incluindo o atalho que eu “inventei” quando criança e que hoje não deixaria de usar por nada, estava exatamente como eu o havia deixado. Eu me lembrava da caminhada pelo deserto e perfumado bosque de limoeiros, que ali eles chamavam de *lumie*, seguido por um campo de papoulas e por fim pela silenciosa e vazia capela normanda antiga, que tinha mais de mim do que qualquer outro lugar do mundo, com seu enorme pedestal jogado entre cardos e plantas tão ressequidos quanto antes, e, como sempre, restos secos de cocô de cachorro e de pombo pelo chão.

O que me afligia era saber que nossa casa não estava mais ali, que todos os que viviam ali se foram, que a vida do início do verão nunca mais seria a mesma ali. Eu me senti como um fantasma tímido que conhece bem a cidade, mas não é mais querido ou notado. Meus pais não estariam esperando por mim, ninguém teria separado guloseimas para quando eu voltasse para casa com pressa e faminto depois de nadar. Todos os nossos rituais dissolvidos e vazios. O verão ali não era meu.

Quanto mais eu me aproximava da casa, mais começava a temer a imagem do que tinham feito com ela. Pensar no incêndio e no saque, principalmente no saque, era o bastante para alimentar um demônio de mágoa, raiva e desprezo cujo alvo não eram só todos que viviam ali, mas também nós mesmos, como se a incapacidade de prever o roubo e o vandalismo realizados por supostos amigos e vizinhos coubesse mais à nossa consciência do que à deles.

— Não tire conclusões precipitadas — alertara meu pai.  
— E, sobretudo, não discuta.